



**PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA**

VESTIR O PAI

peça teatral de autoria de Mário Viana

vencedora, em 3º lugar, do

3º Concurso Nacional de Dramaturgia - Prêmio Carlos Carvalho/2000

IMPORTANTE: Conforme o edital do Prêmio Carlos Carvalho / Auxílio-Montagem, concurso nº 17/10, processo nº 001.044122.10.1, item 2.4. *“Os direitos autorais para montagem das peças teatrais, que são objeto do prêmio de auxílio-montagem, estão liberados pelos próprios autores”, exclusivamente, “nas datas para as apresentações gratuitas previstas no item 1.1 deste edital” (15, 16, 17, 22, 23 e 24 de julho de 2011), “sem ônus para o Município e para os encenadores”, após essas datas, a liberação para novas apresentações estará sujeita a novo acordo a ser realizado diretamente entre autores e encenadores. Qualquer infração aos direitos autorais estará sujeita à legislação vigente no País.*

VESTIR O PAI

de Mário Viana

Menção honrosa do Concurso Nacional de Dramaturgia -- Prêmio Plínio Marcos, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo (2001)

Prêmio do 3.º Concurso Nacional de Dramaturgia Prêmio Carlos de Carvalho, da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre (2001)

PERSONAGENS

ALZIRA, a mãe
REGINA, a filha mais velha
JÚNIOR, o caçula

Mário Viana
Av. 9 de Julho, 2.021/apto 84
01313-001 – São Paulo
Tels.: (11) 284-1931 (resid.); 9701-4464 (cel.)
E-mail: mario.viana@u-netsys.com.br

Vestir o Pai

Quarto de Alzira. Móvelia velha, mas não descuidada. O guarda-roupa fica ao fundo, meio de lado para o público. A cama fica mais ao centro-esquerda do palco. Penteadeira, cadeira, telefone. À direita, a porta. À esquerda, a janela. Regina, a filha, entra. Encosta a porta com cuidado. Tira da bolsa um telefone celular. Faz uma ligação. Escuta.

REGINA: *(impaciente)* Saco. *(faz outra ligação, aguarda e fala para secretária eletrônica)* Gérson, sou eu. Só queria dizer um oi... Olha... Deixa algum recado pra mim. Nunca tem recado na minha caixa postal...Tchau. Um beijo.

Desliga. Olha em torno. Vai até o guarda-roupa, abre a porta e fica mexendo, sem muita atenção, nas roupas. Vê algo, apanha. É um álbum de fotos. Leva-o até a cama, fica olhando as imagens. Alzira entra, tomando café numa caneca. Suspira, profundamente cansada, e se deixa cair numa poltrona.

ALZIRA: A gente não devia ter tirado o papai do hospital.

REGINA: *(sempre folheando o álbum)* Você insistiu tanto.

ALZIRA: Estava desenganado!

REGINA: Até que ele está resistindo bastante...

ALZIRA: Uma semana! Não achei que durasse tanto... *(chorosa)* Lá no hospital dava até agonia ver os tubos, o soro...Ah, minha filha, ele está sofrendo muito...

REGINA: Nós também estamos sofrendo, mamãe. Tem horas que, sei lá... Eu fico pensando se não seria melhor ele...

ALZIRA: Nem papinha ele está aceitando mais, Regina. Papinha de nenê! O médico mandou instalar o tubo, mas ele fica tentando arrancar... Dá um nervoso!

REGINA: Ele continua se sujando todo, não é?

ALZIRA: O dia inteiro...

REGINA: Não sei onde a senhora está encontrando forças.

ALZIRA: Eu sou a mulher dele!

REGINA: As enfermeiras do hospital podiam fazer esse trabalho.

ALZIRA: Umas estranhas! Sem cuidado, sem carinho, tudo na brutalidade. Aqui, pelo menos, ele está sendo bem tratado. *(reflete um pouco)* Dá um trabalho... Coitado! Precisa ver como ele implorava pra gente tirar ele do hospital. Uma coisa!

REGINA: Eu não lembro de ter visto o papai pedir alguma coisa pra alguém. Nunca.

ALZIRA: Partia o coração. Aquele homem forte, de voz grossa, mandão... Na cama de um hospital, as lágrimas caindo... “Me tira daqui, Alzira, me leva embora”.

REGINA: E ele, como está agora?

ALZIRA: Seu irmão ficou lá com ele... *(nota a porta do guarda-roupa aberta, vai fechá-la; vê as roupas penduradas)* Papai tinha muitos ternos, hein, Regina?

REGINA: Tem! Ele ainda não morreu!

ALZIRA: *(vê o álbum que está com a filha)* Como é que isso veio parar aqui?

REGINA: Estava no armário.

ALZIRA: *(paciente como quem fala a uma criança)* Minha filha, você sabe que eu não gosto que mexam nas minhas coisas!

REGINA: *(concentrada no álbum)* Tem umas fotos que eu nem lembrava mais...

ALZIRA: *(colocando “ordem” no guarda roupa; a princípio, calma e didática, fica quase histérica ao longo do discurso)* Desde pequena você tem essa mania. Mexe nas minhas gavetas, nas minhas roupas... Ah, eu fico, viu...? Quando preciso de alguma coisa, não encontro! Fico feito barata tonta procurando! É meia na gaveta das calcinhas, sutiã ao lado das fronhas, lençol separado do conjunto... *(fala como se fosse um escândalo)* Toalha de rosto na gaveta de banho!!! Será possível que você não aprende?! *(fecha a porta do armário com gesto melodramático)*

REGINA: Pára de gritar, mamãe, quer acordar o papai?

ALZIRA: *(senta-se, assustada)* Deus me livre!

REGINA: *(espantada)* Foto nossa na praia? Eu não me lembro de ter ido à praia quando era criança...

ALZIRA: *(ainda irritada, vem ver a foto)* Claro que a gente ia! *(olhando o álbum)* Olha o corpinho que eu tinha! Que cinturinha, hein? E o papai, Regina, olha só o peitão inchado... *(sorrindo, folheia o álbum junto com a filha)* As bodas de ouro dos seus avós!

(*cara de asco*) Essa velha sempre me detestou! Bruxa!

REGINA: Papai estava bonito nessa foto!

ALZIRA: Ele sempre foi um homem alinhado. Olha você aqui, tão lindinha... Eu fiz esse vestido... De renda!

REGINA: Eu odiava quando você me obrigava a usar esse vestido. Pinicava tanto! (*olha outra foto, ri*) Mamãe, rasga essa foto! Olha só minhas roupas!

ALZIRA: E o penteado? Última moda... A festa dos seus 15 anos... Seu pai fez questão... Pra você e pro seu irmão, tinha que ser tudo do bom e do melhor!

REGINA: Todo o pessoal do colégio... Nunca mais vi essa gente...

ALZIRA: Essa menina ao seu lado, tão sua amiga. Como era mesmo o nome dela?

REGINA: (*incomodada*) Sílvia.

ALZIRA: Sílvia, isso mesmo! Ela sumiu também, não é, Regina? (*olha melhor a foto*) Ficou grávida no colégio...

REGINA: Acho que foi.

ALZIRA: Foi um escândalo, ela se recusava a dizer quem era o pai... A família levou pro interior... Vocês eram tão amigas... (*curiosa*) Ela nunca te contou quem era o pai da criança?

REGINA: (*irritada*) Tem dó, mamãe!

ALZIRA: O papai até proibiu ela de vir aqui em casa...Dizia que era má companhia pra filha dele! Lembra disso?

REGINA: (*enfadada*) Ah, mamãe, fazer fofoca do passado?! (*fecha o álbum, faz movimento de que vai guardá-lo, a mãe interrompe*)

ALZIRA: (*tirando o álbum das mãos da filha, calma*) Deixe que eu guardo, filha. Você é capaz de bagunçar todo o meu guarda-roupa...

REGINA: (*ainda irritada*) Estava debaixo dos ternos do papai.

ALZIRA: Eu sei onde fica cada coisa que tem nesta casa! (*guarda o álbum*) Não sabia que você se interessava pelos ternos do papai...

REGINA: Estava escolhendo um terno pra ele usar no caixão.

ALZIRA: (*horrorizada*) Minha filha! (*olha a filha, olha o armário. Mudando para um tom lamentoso*) Escolheu algum?

REGINA: Não.

ALZIRA: Tem uns bem bonitos aqui. (*tira do guarda-roupa*) Olha esse azul-marinho, que alinhado. (*ameaçando chorar*) O seu pai ficava um espetáculo nesse terno. Esse ele comprou pra sua formatura na faculdade.

REGINA: (*analisando*) Está fora de moda...

ALZIRA: É pro enterro, não pra um desfile.

REGINA: A gente pode cobrir de flores... Vai ter flor na caixão?

ALZIRA: Claro! É tão lindo um caixão cheio de crisântemos amarelos! Você entra no velório e logo vê aquele colorido... Parece um jardim!

REGINA: (*lembrando*) Papai odiava flor!

ALZIRA: (*quase rindo*) Tinha alergia. Via flor, começava a espirrar!

REGINA: Mas, então...

ALZIRA: (*decidida*) Era só o que faltava, um caixão sem flores... Vou cobrir de flor, sim! Cobrir tudo, peito, perna, em volta do rosto... Ele vai estar morto, mesmo! (*pensa um instante e tenta justificar*) O papai gostava de flor! Só não podia ficar perto. Mas gostava, achava bonito.

Entra JÚNIOR, o filho.

ALZIRA: E então?

JÚNIOR: Na mesma.

ALZIRA: Você deixou o papai sozinho?

JÚNIOR: Está dormindo, mãe...

ALZIRA: E se acontece alguma coisa? Eu vou lá...

REGINA: Mamãe, calma. O Júnior deixou ele dormindo. Descansa um pouco.

Alzira pensa um pouco, sossega. Senta-se na beira da cama, concentra-se em seus pensamentos, alisando o terno sobre o leito. Subitamente, para o filho.

ALZIRA: Júnior, você acha que o papai vai ficar bem de azul-marinho no caixão?

JÚNIOR: Eu não entendo dessas coisas, mãe!

ALZIRA: *(levanta-se e devolve o terno ao armário)* Devia entender, terno é coisa de homem. Tem esse marrom, de lã... Mas está calor pra usar lã, né? *(decidida)* Vai o azul mesmo. *(tira o terno do armário, põe sobre a cama)*

JÚNIOR: Cada terno bacana... Depois vou ver se algum me serve.

ALZIRA: *(pega uma caixa do armário)* A camisa branca... A gravata, você escolhe, Júnior. Eu não entendo nada de gravata... *(assustada)* Precisa enterrar com sapato? Os deles estão muito gastos embaixo, fazia tempo que o papai não comprava um par novo...

REGINA: Mamãe, ninguém fica reparando nessas coisas.

ALZIRA: Ah, reparam, sim! Vão no enterro só pra ver como a família vestiu o morto! Quando morreu o filho da Iolanda, aquele... Como era o nome dele? Um que era meio maconheiro! Vivia pra cima e pra baixo de bermuda, camiseta, sandália... Nunca trabalhou na vida! Quando a polícia matou, a Iolanda me enfia um terno no menino! Gravata, tudo! Quando cheguei no velório, olhei no caixão e pensei que tinha errado de enterro. Até falei pra Iolanda: Iolanda, tem certeza que enterrou o filho certo? Tá tão bonitinho, esse...

REGINA: E ela não botou a senhora pra correr, não?

ALZIRA: Coitada... Ela pegou o terno do mais novo pra vestir o morto. Era o único terno do menino! Ele se recusou a ir no enterro!

JÚNIOR: Faz que nem judeu, mãe. Enterra o defunto sem roupa, só enrolado num lençol.

ALZIRA: *(chocada)* Credo... *(Pausa)* Lençol novo ou usado? Novo está uma nota!

JÚNIOR: *(vê a caixa nova de camisa)* A senhora não vai usar essa camisa no enterro, vai?

ALZIRA: Tinha pensado nela. É branca.

JÚNIOR: É nova, mamãe, está na caixa ainda!

ALZIRA: Mania do papai de ganhar as coisas, guardar e não usar. Essa aí quem deu foi a Regina. No dia dos pais.

REGINA: Sei lá, acho que foi.

ALZIRA: Você sempre dava camisa branca pra ele. No dia dos pais, no aniversário e no natal. Eu sempre falava: papai, usa as roupas novas. Um dia você morre e só vai vestir no caixão. (*cara de choro*) Parece que eu estava adivinhando.

JÚNIOR: Que desperdício! Eu sem dinheiro pra botar gasolina no carro e a senhora me enfia uma camisa novinha debaixo da terra!

Ouve-se um gemido leve.

JÚNIOR: O papai acordou.

REGINA: Será que ele se sujou de novo?

JÚNIOR: A gente trocou ele agora há pouco...

ALZIRA: Ah, aquilo não pára... Eu vou ver como ele está. (*sai*)

REGINA: (*falando com o irmão, enquanto tira o celular da bolsa*) Então você já quer herdar as roupas do papai? (*tecla os números da caixa postal. Aguarda.*)

JÚNIOR: Eu quero mais que isso. Meia dúzia de ternos é pouco...

REGINA: Merda! (*desliga*) Pouco, é?

JÚNIOR: Essa casa, Rê...

REGINA: Que é que tem?

JÚNIOR: Vale um dinheirão! E é muito grande pra mamãe sozinha.

REGINA: Vem morar com ela, então. Eu não quero. Detesto esse bairro.

JÚNIOR: Vamos vender!

REGINA: E a mamãe, lindo? Faz o que com ela?

Antes que Júnior responda, Alzira entra.

ALZIRA: Dormiu de novo. Pelo menos, não se sujou dessa vez...Eu estava olhando pro papai agora e pensando... Ele está tão pálido... Não sei se azul-marinho fica bem. Se tivesse um terno mais claro... Ficava melhor, não ficava?

REGINA: Ah, mamãe, tem dó... (*toca o celular, ela atende rapidamente*) Alô. (*contente*) Oi. Não, não estou fazendo nada...Aqui, no meu pai...

ALZIRA: Quem é, Regina?

REGINA: *(para a mãe)* Um amigo. *(no fone)* Não, é minha mãe... Tá, tá bem... Estamos esperando... Tá difícil, Gérson... Não sei a que horas vou sair daqui... *(afasta-se para o fundo do palco, falando baixo ao telefone)*

ALZIRA: *(para o filho)* Sair? Ela está pensando em ir embora e largar a gente aqui...?

JÚNIOR: Deixa ela, mãe. Não ajuda em nada mesmo.

ALZIRA: Mas não pode! Não pode! O seu pai nesse morre-não-morre, e eu aqui, sozinha?! Têm que ficar aqui, os dois!

JÚNIOR: Ô mãe, eu tenho meu trabalho!

ALZIRA: Liga lá e diz que não dá pra ir hoje! Você não é sócio daquele boteco?

JÚNIOR: Eu sou o gerente do bar, mãe!

ALZIRA: Você contou que tinha entrado de sócio...

JÚNIOR: Entrei, mas não com grana. Só com trabalho. Sou gerente da noite...

ALZIRA: Toda noite, menos hoje. Se quiser, eu ligo e falo com seu chefe. *(pequena pausa, muda de tom)* O papai não passa de hoje, meu filho...

JÚNIOR: A senhora está dizendo isso há uma semana!

ALZIRA: Mas eu sinto que é hoje. Você não viu a respiração dele como está fraquinha? Até o cocô tá mais molinho...

JÚNIOR: *(cara de nojo)* Tá mais fedido, isso sim.

ALZIRA: Os espíritas dizem que isso é medo de morrer. Anteontem, eu fui na Salete, aquela manicure da esquina, e ela frequenta centro, mesa branca. Ela me contou como eles fazem com essa coisa de morte...

JÚNIOR: O papai agonizando e a senhora foi fazer as unhas?

ALZIRA: Mas não pintei, olha! *(mostrando as mãos)* Só queria estar arrumada, caso o enterro fosse por esses dias! É tão feio uma viúva toda desconjuntada...

REGINA: Dá pra falar mais baixo aí? *(volta ao telefone)*

ALZIRA: Os espíritas não ficam chorando os mortos, porque isso segura a alma deles na terra. É como se fosse uma corrente no pé do espírito. O melhor é rezar uma Ave Maria para eles

morrerem tranquilos.

JÚNIOR: (*inconformado*) Na manicure!

ALZIRA: Ah, Júnior, ela me disse tanta coisa bonita, me confortou tanto. Me deu uma paz... Você e sua irmã nem ligam pra mim! (*Regina, irritada com o bate-boca sai do quarto, ainda ao telefone*) Olha lá, é telefonema de homem, vê como ela fica! Você, com suas coisas! E eu sobro aqui, sozinha, cuidando do papai. Troco ele sozinha! Isso vocês não vêem. E ainda querem que eu fique parecendo bruxa de desenho animado?! Não fico! Fui fazer as unhas, sim! Tá aqui, tá bonito, tá vendo? E tem mais: marquei hora no cabeleireiro pra hoje à tarde.

JÚNIOR: (*escandalizado*) Mamãe!

ALZIRA: Só não marquei limpeza de pele porque está muito caro.

JÚNIOR: (*pausa; olha a mãe, escandalizado; contemporiza*) A gente tá muito nervoso, é isso. Só pode ser isso...

REGINA: (*entra no quarto, guarda o celular na bolsa*) Aquele berreiro, gente, pelo amor de Deus! Que vergonha!

JÚNIOR: Vergonha é descobrir uma mulher que larga o marido moribundo na cama e passa uma hora fazendo sabe o quê? As unhas, na manicure! Tirando as cutículas!

REGINA: (*calma, à mãe*) A senhora fez isso?

ALZIRA: Fiz. Na Salete.

JÚNIOR: Tem mais, Regina! Sabe o que ela me disse que vai fazer à tarde? Sabe? Vai no cabeleireiro!

REGINA: (*olhando a mãe com atenção*) É verdade? (*Alzira confirma com a cabeça*) Vai passar tintura nova?

ALZIRA: Não ! Só cortar. Aparar as pontas, acertar umas coisinhas...

REGINA: A senhora devia fazer um corte diferente, isso sim. Uma coisa mais moderna, mais nos dias de hoje...

JÚNIOR: Eu não estou ouvindo isso. O meu pai no fim da vida a dois metros daqui e a minha mãe, preocupada com as pontas do cabelo? E a minha irmã incentiva?

REGINA: Júnior, cada vez que você abre a boca eu entendo por que nenhum namoro seu vai pra frente...

ALZIRA: *(sentada, tenta explicar)* Meu filho, nem sempre uma mulher se enfeita só por vaidade. Claro, é natural da gente querer ficar mais bonita, mais arrumada, mulher já nasce assim. Mas... *(suspira, quase chora)* O papai, meu filho, seria o primeiro a fazer questão de que eu fosse me cuidar pra ir no enterro dele. Se ele pudesse falar, tenho certeza que é isso que ele diria. *(enxuga os olhos)* Sempre me trazia um presentinho quando vinha da rua. Um perfume, um batom, um corte de tecido pra fazer uma roupa... Um par de brincos... Ele não gostava de me ver desarrumada... Que marido gosta? *(outro suspiro)* Tá certo que eu já não sou mais aquele brotinho da juventude, mas não vou me jogar às traças, não! É até uma homenagem que eu faço ao papai! *(chora em silêncio, o rosto nas mãos; há uma pequena pausa constrangida)*

REGINA: Viu o que você fez?

JÚNIOR: *(aproxima-se da mãe, que permanece chorando; faz um gesto de carinho nos seus cabelos)* Desculpe... *(Alzira intensifica um pouco mais o choro e segura a mão de Júnior com firmeza; ele fica sem jeito; outra pausa constrangida)*

REGINA: Eu vou pegar um copo d'água! *(sai)*

ALZIRA: *(ainda chorando, antes que a filha deixe o quarto)* Aproveita e me traz um café. *(continua chorando, prendendo a mão do filho)*

JÚNIOR: *(faz um gesto de carinho com a mão livre)* Ô, mãe, não fica assim... Já pensou, mamãe, como vai ser quando o papai morrer?

ALZIRA: Ah, meu filho, eu vou ficar tão sozinha...

JÚNIOR: Sozinha o quê, mãe? Tem eu, a Regina...

ALZIRA: Vocês têm a vida de vocês, mora cada um num canto... Eu vou ficar zanzando por esta casa como um fantasma...

JÚNIOR: E a casa é tão grande... Três quartos...

ALZIRA: Quatro. Tem o quartinho da despensa, lá no fundo.

JÚNIOR: É mesmo. Tem o quintal... grande... Uma salona. Só a sua cozinha é do tamanho do meu apartamento.

ALZIRA: Acho que o papai, quando construiu esta casa, pensou que vocês iam morar com a gente o resto da vida. Eu falava pra ele: papai, os filhos crescem, mudam, vai acabar sobrando nós dois aqui nesse monte de cômodo.

JÚNIOR: A gente precisa pensar direito no que fazer com a casa...

ALZIRA: *(solta a mão do filho)* Ah, eu sabia que essa alma estava querendo reza! Desde criança, você é o mesmo! Quando começa com gruda-gruda é porque vai pedir alguma coisa.

JÚNIOR: *(pego em flagrante)* Ah, mãe...

ALZIRA: Você já está querendo vender a casa?

JÚNIOR: Estou. Quer dizer, não assim, vender, vender. A gente tem de discutir, ver quanto ela vale...Sem pressa... Ninguém aqui tá tirando o pai da força...

ALZIRA: Como?!

JÚNIOR: Desculpe. Escapou. Mas essa casa é muito grande pra senhora sozinha...

ALZIRA: Eu também acho.

JÚNIOR: *(animado)* Ah, é? Então! A gente pode vender a casa, a senhora compra um apartamentinho...

ALZIRA: Essa casa vale muito, Júnior. E o resto do dinheiro?

JÚNIOR: Bom, podia dividir entre eu e a Rê...

ALZIRA: *(matando a charada)* Ah...

JÚNIOR: Nós somos os herdeiros, mesmo...

ALZIRA: Depois que eu morrer.

JÚNIOR: Ah, claro! A gente pode fazer um acordo, sei lá... *(Alzira o olha, sem dizer nada, ele se abala)* Pô, mãe, eu tô precisando de dinheiro...

ALZIRA: Você sempre está.

Antes que ele responda, Regina entra no quarto com a água e o café.

ALZIRA: *(toma o café)* Pensei que você tinha fugido...

REGINA: Aproveitei pra ver como o papai está.

ALZIRA: E então?

REGINA: Dormindo. *(apanha a bolsa)* O celular tocou?

JÚNIOR: Não...

ALZIRA: Está de namorado novo, Regina?

REGINA: Não exatamente... *(Alzira e Júnior fazem expressão de quem espera uma resposta mais detalhada)* Não tenho de ficar dando relatório da minha vida!

JÚNIOR: Deve ser arranjo novo, mãe. Pra ela ter ido falar longe da gente.

REGINA: Ninguém pediu sua opinião! *(joga a bolsa com raiva sobre a cama)*

ALZIRA: Cuidado, vai amassar o terno do enterro!

REGINA: *(retirando a bolsa)* Vai ser o azul-marinho mesmo? A senhora pensou num mais claro...

JÚNIOR: Mais claro pega mal. Terno azul-marinho é mais clássico, fica bem em qualquer situação.

ALZIRA: *(arruma as roupas numa cadeira)* Então, fica assim. O terno azul, a camisa branca... *(pega caixa)*

JÚNIOR: *(choroso)* A nova, mãe?

ALZIRA: A nova! *(põe a caixa sobre a cadeira, mas hesita)* Regina, vê se tem uma camisa branca no armário... Mas uma boa, com os punhos e os colarinhos em ordem...

REGINA: *(procura no armário, encontra e retira uma camisa)* Tem essa.

ALZIRA: *(examina)* Tá boa. *(dá a caixa pro filho)* Você me deve uma...

JÚNIOR: *(pega a caixa, como criança que ganha um presente)* Oba!

ALZIRA: Ainda não pensamos na gravata...

REGINA: *(olha de novo o guarda-roupa; retira uma gravata escura)* Essa preta aqui não vai ficar ruim, não...

ALZIRA: É... *(pega a gravata, examina e fala com pena)* Seu pai detestava essa gravata. *(pausa)* Vai essa, mesmo. *(coloca sobre as outras roupas)* Júnior, procura na gaveta uma meia preta. Nova. *(ele encontra as meias; ela se dá por satisfeita)* Pronto. *(Os três examinam as roupas na cadeira, à distância)*

REGINA: Tudo escolhido.

ALZIRA: Agora é só dar uma passadinha...

REGINA: Passar a roupa do caixão?!

ALZIRA: *(apanha atrás do armário uma tábua de passar e monta-a)* Claro. Você não quer que o papai seja enterrado com roupa toda amassada, quer?

JÚNIOR: Eu nunca vi isso...Passar roupa de defunto!

ALZIRA: Olha o respeito com o papai! Ele está vivo ainda! *(apanha o ferro e liga-o)* Isso é só pra gente ficar prevenido.

REGINA: O caixão não vai ficar coberto de flores, mamãe?

ALZIRA: *(passando as calças)* Vai. Mas e o moço da funerária, que veste o morto? Vai dizer o quê, se eu entrego um monte de roupa toda amarfanhada? Que ninguém dava a mínima pro coitado do papai. E se chega o caixão e as flores atrasam? Pode acontecer. As pessoas chegando pro velório e papai estirado, parecendo que estava num ônibus lotado... Não, senhora. Ele sempre fez questão de andar na estica. Pois vai ser enterrado na estica também.

REGINA: Quer que eu ajude?

ALZIRA: Não, não precisa. Você nunca soube passar roupa muito bem...

JÚNIOR: *(semideitado na cama, observa as duas)* E o papai detestava qualquer ruguinha na camisa, lembra? Por menor que fosse...

REGINA: Ele era um chato!

ALZIRA: Regina!

REGINA: E não era mamãe? Fazia um carnaval se tinha uma dobradinha assim na gola da camisa!

Ouve-se um gemido de fora.

ALZIRA: *(Tensa, para o filho)* Vai lá ver! *(ele sai; ela respira um pouco, continua a passar a roupa e fala com a filha)* Seu irmão falou que vocês querem vender a casa.

REGINA: Ele já falou nisso?

ALZIRA: Está mais necessitado de dinheiro que você...

REGINA: Como sempre.

ALZIRA: A idéia não é má. Eu não ia me dar bem sozinha nessa casa imensa. Vocês não querem morar aqui...

REGINA: Não mesmo.

ALZIRA: Nem eu vou querer morar com vocês. Você tem o seu apartamento. O Júnior, coitado, nem casa tem. Fica nessa coisa de república, dividir quarto com colega...

JÚNIOR: *(entrando)* O papai se sujou.

ALZIRA: De novo?! *(suspira; interrompe a passagem de roupa)* Tem cueca limpa lá?

JÚNIOR: Poucas.

ALZIRA: Júnior, me ajuda a trocar ele. Regina, põe outras cuecas na máquina de lavar.

REGINA: Agora?

ALZIRA: Eu não lavei! *(triste)* Achei que não fosse precisar mais...

Alzira sai com o filho. Regina fica sozinha. Liga no celular.

REGINA: Alô? O Gérson, por favor. É Regina. *(espera um tempo)* Oi. Não, na mesma. É que... Pintou uma chance, remota, remotíssima, de eu ganhar uma grana. Como e daí, Gérson? Aí eu poderia ir com você pra Barcelona. *(pausa)* Parece que a notícia não agradou... Tá, tá, tá, depois as gente se fala. Tchau. Um beijo. *(Desliga. Procura a roupa suja, sem encontrar. Vai até a porta do quarto e grita)* Mamãe, cadê as cuecas pra lavar?

ALZIRA: *(gritando, de fora)* Numa bacia, ao lado do tanque!

REGINA: Saco! *(sai)*

Telefone ao lado da cama de Alzira toca quatro vezes. Júnior entra, enxugando as mãos. Atende. Cheira a mão livre, faz cara de nojo.

JÚNIOR: Alô? Alô? Alô?!

REGINA: *(entrando)* Quem é?

JÚNIOR: *(desligando)* Não falou nada e desligou.

ALZIRA: *(entrando)* Quem era no telefone?

JÚNIOR: Um mudo. *(telefone recomeça)* Olha aí. *(Atende)* Alô? Alô? Mesma coisa.

ALZIRA: Não desliga. (*Tira o fone dele e fala*) Ele não morreu ainda, não. Tá vivo! Ouvia? Tá vivo. Desligou.

JÚNIOR: Quem era?

ALZIRA: A portuguesa.

REGINA: Quem?

ALZIRA: A salafrária com quem teu pai teve um caso esses últimos anos.

JÚNIOR: A loira?

ALZIRA: (*voltando a passar roupa*) Ruiva. Tingiu.

REGINA: Como a senhora sabe?

ALZIRA: Ela foi lá no hospital visitar ele.

REGINA: A senhora viu?!

ALZIRA: Claro, eu não saía de lá. Vocês nunca iam, mas eu ficava firme...E um dia abriram a porta do quarto, eu olhei era ela. Ruiva. Gorda.

JÚNIOR: Ela não era gorda.

ALZIRA: Engordou. Uma bunda deste tamanho!

REGINA: O que a senhora fez?

ALZIRA: Cumprimentei. Ela perguntou como ele estava, eu contei. Disse tudo. Falei até que estava pensando em trazer ele pra casa. Pra ele morrer em paz. Ela achou que era uma boa idéia. E eu falei que ela podia vir visitar ele quando quisesse. Ou telefonar, pra pedir notícias. Por isso, toca o telefone, ninguém diz nada, eu sei que é ela.

JÚNIOR: Tem vergonha de falar...

ALZIRA: Não teve de se enrabichar com ele!

JÚNIOR: A senhora agiu como uma dama lá no hospital...

ALZIRA: Que dama, Júnior? Queria que eu fizesse o quê? Desse escândalo? Essa vergonha eu não passo.

REGINA: Então, a senhora sabia da portuguesa?

ALZIRA: Da portuguesa e de todas as outras. Sempre soube. De todas.

JÚNIOR: Papai contava?

ALZIRA: Claro que não, mas eu sabia. Sabia quando tinha mulher nova no pedaço. Ele mudava o jeito de ser. De se vestir. Fica com um cheiro diferente na pele, nos cabelos... O olhar mudava. Até o jeito de roncar mudava... Uma mulher sempre sabe dessas coisas.

REGINA: Será?

ALZIRA: A gente só é enganada quando quer, Regina. Ou quando deixa.

REGINA: E a senhora nunca brigou, nunca reclamou...

ALZIRA: (*calma, quase filosófica*) Pra quê? Ia mudar alguma coisa? Ele sempre foi um bom marido. Nunca deixou faltar nada em casa. Nem pra casa, nem pra vocês, nem pra mim. Tinha as vagabundas na rua, mas voltava sempre pra casa.

JÚNIOR: A senhora fingia que não sabia...

ALZIRA: E ele fingia que estava tudo certo. (*sorriso*) Dava umas desculpas esfarrapadas, do trabalho, disso, daquilo...Ele sabia que eu sabia que era mentira...

REGINA: Não consigo me ver vivendo com um homem que minta pra mim e que eu...

ALZIRA: (*cortando*) Por isso você está solteira até hoje, minha filha.

REGINA: Mamãe, o mundo é outro! A mulher não é a banana que era no seu tempo!

ALZIRA: Estão todas sozinhas, tendo de trabalhar pra se sustentar!

REGINA: Pelo menos, sem ter de viver essas relações hipócritas!

ALZIRA: Sem viver relação nenhuma! Que vantagem vocês levam?

REGINA: Não é possível que a senhora nunca tenha se revoltado! Por um minuto que fosse!

ALZIRA: Ah, já... A primeira vez que tive certeza de um caso dele... Nossa, fiz um escândalo! Fui até o emprego dela. Era uma vendedora das Casas Pernambucanas, lá na rua Direita. Uma mulatinha... Bonita! Fiz um escarcéu na porta da loja! A moça deve ter perdido o emprego, coitada. Naquela época, essas coisas tinham importância. Hoje em dia, era capaz de ela ser promovida...

JÚNIOR: A senhora brigou com ela. Com o papai, não...

ALZIRA: Voltei pra casa. Regina ainda era pequena, tinha uns três anos. Levei você na vizinha, pedi pra olhar um pouquinho. Voltei, abri o guarda-roupa, peguei o melhor terno que seu pai tinha... Era um terno de linho, branco, chique... Tinha mandado fazer no mesmo alfaiate do Ademar de Barros...

JÚNIOR: Papai sempre foi vaidoso.

ALZIRA: Peguei uma tesoura e cortei o terno inteirinho em tiras. Quando ele chegou e viu aquilo...O homem urrava! Parecia um bicho! E eu sacudia o terno e gritava: Leva pra tua neguinha costurar! Vai lá na biscate! Ela não é boa de cama? Tem de ser boa na máquina de costura também! Que berreiro! *(pequena pausa)* Aí eu comecei a chorar, ele veio me consolar, pedindo perdão... Nós fizemos as pazes. E você nasceu nove meses depois, Júnior. Exatinho, exatinho, nove meses depois.

REGINA: Casar, ter filhos, cuidar do lar, ser traída, perdoar, fazer mais filhos... Essa era a função da mulher no seu tempo...

ALZIRA: Por quê, mudou? *(para de passar roupa e guarda os apetrechos)*

JÚNIOR: Ih, mãe, a mulherada de hoje é tudo complicada! Primeiro, elas brigam com todo mundo pra poder trabalhar... “Imagina se eu sou mulher pra depender do salário do marido?” Depois de um tempo, separa e ela começa a brigar pela pensão do ex-marido!

REGINA: Como você é cretino! Isso é bem papo de mesa de botequim mesmo!

JÚNIOR: O nível das conversas no seu escritório é mais elevado?

Toca o telefone. Todos se calam. Alzira atende.

ALZIRA: Alô? Sim, é ela. *(nervosa)* Ah, como vai? Não, senhor, na mesma. Eu sei, os médicos tinham dado no máximo três dias... Uma semana, eu sei. Meu senhor, eu estou com ele dia e noite, eu sei exatamente há quanto tempo está durando essa agonia... Um momento, por gentileza. *(para o filho)* Júnior, vai lá ver como seu pai está...

JÚNIOR: Mas eu acabei de vir de lá...

ALZIRA: Não discute, Júnior! *(ele sai; ela volta ao telefone)* Pois é, eu peço um pouco mais de... Como é que eu vou saber? Essas coisas não têm hora marcada! *(a pessoa desliga o telefone; ela olha o aparelho chocada)* Grosso!

REGINA: Quem era, mamãe?

ALZIRA: Um amigo do seu pai querendo notícias...

REGINA: A senhora ficou tão nervosa...

ALZIRA: Imagina!

JÚNIOR: *(entrando)* Mãe, o pai...

ALZIRA: De novo, meu Deus?! *(levanta-se e sai resmungando)* Merda! Merda!

JÚNIOR: *(corre para a irmã, como quem conta um segredo)* Ela topa!

REGINA: O quê?

JÚNIOR: A mamãe! Topa vender a casa!

REGINA: Tomara!

JÚNIOR: Ah, mudou de idéia?

REGINA: Essa grana viria na hora certa pra mim, também.

JÚNIOR: Você precisando de dinheiro? Pra quê? Trocar de carro? Enjoou desse?

REGINA: Não, topeira. Pra fazer uma viagem. Europa. Em alto estilo.

JÚNIOR: Bacana. Bacana. Com quem? Com o cavalheiro misterioso do celular...

REGINA: Isso não é da sua conta. Convince a mamãe a vender a casa, dá a minha parte e estamos conversados.

JÚNIOR: Eu?! Eu convencendo a mamãe?!

REGINA: Não se faça de anjinho. Dona Alzira nunca resistiu a um pedido do filhinho querido...Vê se faz desse protecionismo alguma coisa útil.

ALZIRA: *(entrando)* As cuecas limpas estão acabando.

REGINA: E as outras estão lavando na máquina. Não vão secar tão já.

ALZIRA: Vai precisar comprar fraldão pra adulto. Júnior, pega o carro e vai numa farmácia...

JÚNIOR: Ah, não vai dar... Tô sem grana!

ALZIRA: Paga com cheque, depois a gente cobre...

JÚNIOR: Que cheque? Tá me estranhando? Banco nenhum me dá talão...

REGINA: Ah, merda, deixa que eu vou. (*Pega a bolsa, chave do carro; para à porta*) Compro quantos fraldões?

ALZIRA: (*em dúvida*) Se comprar pouco, pode não dar. Se compra muito e o papai morre... (*suspira; exuga os olhos*) Fica esse monte de fraldões ocupando espaço... Ah, não sei...

REGINA: (*saindo*) Tá bom, eu vejo lá... Júnior, a bola é tua...

ALZIRA: (*sentando-se*) O que ela disse?

JÚNIOR: (*desconversando*) Nada. Não ouvi. (*Começa a passear pelo quarto, sob o olhar da mãe. Pára em frente ao guarda-roupa*) Mamãe...

ALZIRA: (*distante*) Que é?

JÚNIOR: (*como quem dá uma notícia inédita e grave*) Mamãe! O papai vai morrer!

ALZIRA: (*irônica*) Jura? Então foi por isso que ele passou a última semana gemendo e cagando sem parar...

JÚNIOR: Mamãe, é sério!

ALZIRA: (*levantando-se*) Ah, meu filho, tem dó!

JÚNIOR: É que... eu quero escolher umas roupas do papai...

ALZIRA: Júnior, espera ele morrer pelo menos!

JÚNIOR: Não! Depois... que acontecer... a gente fica no velório, no enterro...

ALZIRA: Tá bom, escolhe o que você quiser.... Eu vou ver como o seu pai...

JÚNIOR: Não vai, não. Fica aqui, me ajuda a escolher. (*Ela hesita*) Ele está dormindo. Fica...

ALZIRA: Ai, tá bem...Vamos ver o que te serve... (*começam a mexer no armário*) O papai tinha roupa demais! Um exagero!

JÚNIOR: Muita coisa fora de moda! Nem mendigo quer... Agora, tem umas coisas bacanas...Olha essa camisa...

ALZIRA: Escolhe mais coisa, meu filho, que aí sobra mais espaço pras minhas roupas...

JÚNIOR: Pô, que idéia, mãe! Vamos tirar todas as roupas do papai do armário!

ALZIRA: Que é isso, menino? Enlouqueceu?

JÚNIOR: Ele não vai precisar mais. Vai?

ALZIRA: *(com cara de choro)* Não... *(respira fundo)* Mas eu vou!

JÚNIOR: Então! Vamos tirar tudo já!

Ele começa a tirar as roupas do pai do guarda-roupa. Dá para a mãe, que as separa: as que ele diz “Essa eu quero”, ela põe sobre a cama. As que ele não quer, ela instala a um canto do quarto, próximo à porta. São muitas roupas. Aos poucos, ela vai se animando com a tarefa..

JÚNIOR: *(com tato)* Mamãe, eu...eu preciso pedir desculpas pra senhora.

ALZIRA: Por quê?

JÚNIOR: Aquela história de vender a casa... Eu me precipitei. (“*inocente*”) Desculpe.

ALZIRA: *(maternal)* Bobagem...*(olhando o armário)* Você tem razão. É muito espaço.

JÚNIOR: Onde?

ALZIRA: No armário. Sobra muito espaço pras minhas roupas...

JÚNIOR: É, eu não falei? *(pausa)* Essa casa também...É tão grande...

ALZIRA: Quando vocês eram crianças, ela parecia tão apertada...*(olha o armário)* Minhas roupas ficavam todas amassadas...

JÚNIOR: Agora que o papai vai...não vai mais estar entre nós...

ALZIRA: Não esquece da gaveta com as meias, as camisetas, as cuecas... Não, as cuecas eu já usei todas...Vai me sobrar um gavetão...

JÚNIOR: É coisa demais pra senhora!

ALZIRA: É mesmo.

JÚNIOR: Que nem a casa! Grande demais!

ALZIRA: Três quartos, a sala, o quintal... o quartinho de despejo...

JÚNIOR: A senhora vai se perder no meio disso tudo. E tem o problema da segurança, também...É perigoso uma mulher sozinha numa casa de bairro...

ALZIRA: Apartamento é melhor, mesmo.

JÚNIOR: Então, mamãe, podemos pensar em vender...

ALZIRA: Eu já pensei nisso.

JÚNIOR: Bom, quer dizer que eu não me precipitei tanto...

ALZIRA: Um apartamento pequeno, mas decentinho. E que o condomínio não seja muito alto, porque eu vou viver da pensão do papai.

JÚNIOR: Até eu me firmar, mamãe. Aí eu ajudo a senhora...

ALZIRA: Ah, com isso eu não conto mesmo! Você vive metendo os pés pelas mãos! E a Regina, essa nem quer saber se eu vou ficar bem, se vou ter comida na mesa ou não...

JÚNIOR: Eu vou ser sincero com a senhora, mamãe! Eu quero...Não! Eu preciso de dinheiro! Com a minha parte eu saldava minhas dívidas, podia me tornar sócio mesmo do bar, não ficar mais de gerente, como se fosse empregado...Tirava o pé da lama!

ALZIRA: Sei...

JÚNIOR: E a Regina me falou, por alto, que queria fazer uma viagem. Ir pra Europa, sei lá...

ALZIRA: Vocês estão certos! São pragmáticos.

JÚNIOR: Essa casa a gente vende assim, num piscar de olhos. Bairro bom, rua legal, imóvel em ótimo estado...

ALZIRA: Você sabe que essa casa não é do seu pai, não sabe?

JÚNIOR: Como assim?

ALZIRA: Ela é minha.

JÚNIOR: Sua e do papai.

ALZIRA: Não, só minha. Quando a gente comprou, o papai achou melhor registrar a compra só no meu nome.

JÚNIOR
Não brinca.

ALZIRA: A gente era noivo...Eu trabalhava, tinha minhas economias, pensava no enxoval, no casamento...Um dia eu soube que estavam vendendo lotes por essa região. Aqui era um mato só, o ônibus parava longe... No dia em que seu pai me pediu em casamento, nós decidimos comprar o terreno.

JÚNIOR: Vocês compraram juntos...

ALZIRA: O papai achou melhor deixar só no meu nome. *(Como quem revela um segredo)* O papai sempre foi um homem muito bom, muito trabalhador, mas tinha um defeito: apostava tudo no jogo.

JÚNIOR: Mas a senhora casou com ele. Tudo o que era seu passou a ser dele também. Não é assim que funciona?

ALZIRA: *(quase com vergonha)* Eu me casei com separação de bens, meu filho.

JÚNIOR: Que absurdo!

ALZIRA: Sua avó exigiu! Aquela bruxa me odiava. Tratava o filho como um bibelô. Filho único! Se achava tão rica, cheia de si. Dizia que eu estava de olho no dinheiro deles. Que eu estava dando o golpe do baú.

JÚNIOR: E o que significa essa separação de bens?

ALZIRA: Significa, por exemplo, que a sua e a parte da sua irmã, nessa casa, só depois que eu morrer.

JÚNIOR: Puta que o pariu!

ALZIRA: E tem outra coisa.

JÚNIOR: O quê?

ALZIRA: A casa está praticamente vendida.

JÚNIOR: O quê?!

ALZIRA: Apareceu um comprador. Pagava à vista.

JÚNIOR: E a senhora vendeu?!

ALZIRA: Fiz um documento...Um contrato de gaveta, como eles chamam.

JÚNIOR: Comprou escondido, vendeu escondido...

ALZIRA: Por lei, a casa é só minha. Mesmo assim, eu só poderia vender com a assinatura do papai. É como se ele estivesse tomando conhecimento da venda. Um advogado me explicou isso. E me aconselhou a fazer o tal do documento. Eu fiz.

Júnior fica instantes olhando o vazio, com as roupas do pai esquecidas nas mãos. Alzira continua a arrumar mais espaço no armário.

ALZIRA: Foi uma surpresa, né?

JÚNIOR: Como... quer dizer... quando foi isso?

ALZIRA: Logo que os médicos enganaram o papai e eu resolvi tirar ele do hospital. Enquanto sua irmã cuidava da alta, eu fiquei pensando, sentada ao lado do papai... Imaginei minha vida dali pra frente. Sozinha, sem o papai, meus filhos longe... Me deu uma vontade de mudar de vida, de fugir... Aqui era bom, eu vivi aqui mais de 30 anos...Tinha a feira perto, mas a feira só me servia quando a casa vivia cheia. Agora, eu sozinha ...Ia fazer o quê na feira? Aí eu lembrei que podia fazer um anúncio de venda no jornal por telefone... Foi o que eu fiz.

JÚNIOR: (*chocado*) Lá do hospital?!

ALZIRA: Tinha telefone no quarto.

JÚNIOR: Com o papai na cama...?!

ALZIRA: Você queria que eu fosse pro quarto de um estranho pra telefonar?

JÚNIOR: E quem comprou?

ALZIRA: Um japonês. Regateou um pouco, eu abaixei o preço, mas quis fazer negócio rápido. Não queria perder o comprador.

JÚNIOR: E o papai?

ALZIRA: Ah, Júnior! Eu combinei com o advogado. Expliquei pra ele que o papai estava à beira da morte, contei do que os médicos falaram. Pedi só uma semana de prazo. E ele topou. Tive de fazer um abatimento por conta disso, mas tudo bem...

JÚNIOR: E a assinatura do papai?

ALZIRA: Aí é que está o problema. Hoje faz uma semana que acertei o negócio. O rapaz já pagou tudo, direitinho, e eu disse que assim que tivesse a certidão de óbito iria ao cartório e faria a documentação definitiva da venda. Era só ter a certidão. Mas o papai não morre! Eu seria capaz de jurar que ele não durava três dias. Você viu o estado que ele saiu do hospital. Contei três dias de vida pro papai, mais um pro velório, o enterro...Uma semana dava e sobrava.

JÚNIOR: E agora?

ALZIRA: Agora o rapaz está ligando, querendo a casa que é dele. Com razão! E eu fico explicando que o papai ainda não morreu, que está assim, assado...Fico de cara no chão.

JÚNIOR: A senhora está com o dinheiro, pelo menos?

ALZIRA: Claro. Aplicado. Depois que o papai morrer, eu vou procurar um apartamento do jeito que eu gosto.

JÚNIOR: E com o resto do dinheiro... A senhora já sabe o que fazer?

ALZIRA: Não pensei ainda. Acho que vou deixar aplicado, pelo menos por enquanto.

JÚNIOR: Mãe! Eu na maior pendura e a senhora fica aplicando grana?!

ALZIRA: Júnior, eu fico perdida. Nunca tive tanto dinheiro assim...

JÚNIOR: *(no papel de filho sedutor)* Pô, mamãe... Será que nem passa pela sua cabeça que essa grana já podia ser dividida entre eu e a Regina?

ALZIRA: *(condoída)* Ah, meu filho... Sinceramente, não. *(diante do ar decepcionado dele)* Eu sou supersticiosa! Parece que sou eu que estou no caixão e não o papai...

JÚNIOR: Eu e a Rê estamos precisando dessa grana, mamãe! Imagina o quanto a gente ficaria feliz! Porra, ia salvar a gente, cada um do seu jeito, mas ia. Que mãe não quer ver o filho feliz? A gente contente e a senhora viva, compartilhando essa alegria com a gente...

ALZIRA: De onde eu estivesse, meu coração ia ficar radiante de ver meus filhos bem...

JÚNIOR: Mas não ia poder saborear isso! E se não tiver vida depois da morte? A senhora vai levar pro caixão a mágoa de ver os filhos na merda!

ALZIRA: *(benzendo-se)* Não fala assim, Júnior!

JÚNIOR: Vai morrer triste! E sem saber se a gente, na beira do seu leito de morte, vai estar chorando de tristeza ou de fome!

ALZIRA: *(Fica em dúvida. Anda de um lado para outro do quarto, arrumando uma coisa ou outra, pensando. Finalmente, parece tomar uma decisão.)* Eu vou pensar, meu filho. Eu vou pensar!

JÚNIOR: *(contente, levanta-se para abraçá-la)* Ô, mãe...*(beija-a)*

ALZIRA: *(falsamente irritada)* Eu falei só que vou pensar!

JÚNIOR: Já é meio caminho andado, dona Alzira linda! *(beija a mãe novamente)*

Ouve-se um gemido vindo de fora.

ALZIRA: O papai! Acordou de novo!

JÚNIOR: Será que ele...? *(faz cara de nojo)*

ALZIRA: Com certeza. E a Regina, que não vem com o fraldão, meu Deus! *(sai)*

Toca o telefone.

JÚNIOR: *(atendendo)* Alô! É Júnior! Oi, tia Cezira! Tudo bom? Aqui, também, tudo ótimo. O papai? Ah, o papai, coitado, na mesma...É, tá aqui em casa, sim. *(pausa)* Minha mãe está lá com ele, agora. Tá bom, tia, eu falo pra ela ligar pra senhora. Tchau, um beijo. *(desliga)*

REGINA: *(entrando com pacote da farmácia)* O cara da farmácia deve ter achado que eu era uma maluca... Fui pegando um monte de fraldão, olha!

JÚNIOR: A mamãe está precisando de um...

REGINA: O papai acordou sujo de novo?

ALZIRA: *(entrando)* Ah, que bom que você voltou, Regina. Usei a última cueca limpa do papai.

REGINA: Bom, agora tem os fraldões aqui...Eu não sei como é que usa...

ALZIRA: Não deve ser difícil...*(abre um dos pacotes, começa a testar os modos de usá-lo)*

JÚNIOR: Mamãe, a tia Cezira ligou.

ALZIRA: Meu Deus!

JÚNIOR: Pediu pra senhora ligar.

ALZIRA: Você ligou pra ela, Regina, contando que o papai tinha saído do hospital?

REGINA: Eu?! A troco de quê?

ALZIRA: Eu pedi pra você ligar!

REGINA: Mamãe, ela é muito chata!

ALZIRA: Por isso mesmo que era pra ligar! Ela deve ter ido ao hospital e deu com a cara na porta.

JÚNIOR: Foi isso mesmo.

ALZIRA: Não falei? Parece que já estou ouvindo a Cezira reclamando, com aquela voz chorosa, que ninguém liga pra ela, que ninguém conta nada...

JÚNIOR: Ela está esperando a senhora ligar.

ALZIRA: (*suspirando, levanta-se da cama e vai para o telefone*) Está vendo? Está vendo, Regina, o que eu passo por sua causa?

REGINA: Minha causa? Essa é boa.

ALZIRA: Custava ter ligado, custava? Ou será que esse celular só faz ligação pra homem? (*discando o número*) Só me faz passar vergonha! (*atendem*) Alô? Oi, Cezira, sou eu! É... Ah, Cezira, não brinca! Jura que você foi até o hospital? Ô Deus, que pecado! Longe, é... Claro que avisamos, Cezira... Você está ficando gagá, mulher?! Você acha, Cezira, que eu ia tirar o seu primo do hospital e não ia avisar justo você? A prima preferida dele! Avisamos, sim! Não seja teimosa. Ah, sei lá quem recebeu o recado! Mas Regina ligou do celular dela na minha frente! Tá, ela tá de celular, sim. Chique nada, menina, hoje em dia é normal... Ligou, ligou, sim. Ah, Cezira, o teu pessoal aí é que não anota recado. Dá uma bronca. (*ouve um tempo*)

Enquanto isso, Júnior e Regina ficam cochichando no canto.

REGINA: (*falando alto*) Como vendeu a casa? (*Júnior faz gesto para ela falar mais baixo, voltam a cochichar*)

ALZIRA: Na mesma, Cezira. Nem te conto! Tem dia que eu deito na cama, menina, parece que a moribunda sou eu! Dói tudo, tudo, tudo... Estou com uns músculos, só você vendo... De tanto levantar seu primo, de virar ele na cama, trocar roupa, dar banho... É um peso o daquele homem... Meus braços estão mais fortes... Claro, Cezira, eu sozinha. Ninguém vem aqui pra ajudar. (*intencional*) Ninguém mesmo, viu, Cezira? Ah, vem, sim! No fim de semana? Mas hoje é quarta-feira ... Eu sei que amanhã é dia de feira no teu bairro, Cezira, mas eu não sei se ele dura até... Não! Não perdi as esperanças, não, imagina! Enquanto há um fiapo de vida a gente luta! Claro. Fica sossegada, Cezira, se acontecer alguma coisa eu te aviso. Tá bom. Tchou. Até sábado, se Deus quiser... (*Desliga. Revoltada*) Sábado! Não faz nada o dia inteiro e nem pra vir aqui me ajudar a cuidar do primo querido dela...

JÚNIOR: (*levanta-se*) Vou lá na cozinha. Alguém quer alguma coisa?

ALZIRA: Não, meu filho, obrigada. Acho que eu queria era descansar um pouco.

REGINA: (*prestativa, arrumando o leito*) Deita aqui, então, mamãe. Tira um cochilo, eu fico lá na sala com o Júnior...

ALZIRA: Vou deitar um pouco, sim... (*Ele sai; Regina faz que vai acompanhá-lo*) Regina, eu queria conversar com você...

REGINA: Agora?

ALZIRA: É... *(batendo a mão na cama)* Só um pouco, filha. Senta perto de mim.

REGINA: *(senta-se, um tanto arisca)* O que é?

ALZIRA: Que viagem é essa pra Europa, Regina?

REGINA: Eh Júnior língua de trapo!

ALZIRA: Eu sou sua mãe, Regina, eu posso saber dessas coisas...Que viagem é essa, saída do nada, sem mais nem menos...

REGINA: Não tem viagem nenhuma, mãe. Era só vontade. Mas não dá, agora eu não tenho cacife pra uma despesa dessas...

ALZIRA: Mas se você tivesse o dinheiro na mão...

REGINA: Ah, eu ia...ia mesmo. Vontade de viajar, de conhecer outros lugares...

ALZIRA: Você estava pensando em ir sozinha...?

REGINA: *(alerta)* Não sei, nem pensei direito, mamãe. Sem grana...

ALZIRA: Você estava tomando um cafezinho e pensou: ah, que vontade de ir pra Europa! Foi assim?

REGINA: *(sorrindo)* Não...Tem um amigo que está indo e meio que me convidou...

ALZIRA: O do telefone? O Gérson?

REGINA: *(tímida)* É...

ALZIRA: Ele trabalha com você?

REGINA: É dentista.

ALZIRA: Regina, que amigo útil! Dentista anda tão caro ultimamente...

REGINA: Ele vai pra um congresso em Barcelona e pensou em tirar uns dias de férias...

ALZIRA: E convidou pra ir junto?

REGINA: Não foi bem convidar. Ele falou que ia e eu comecei a pensar que seria bom, também, pra mim. Eu tenho umas férias atrasadas, podia dar certo...

ALZIRA: Você falou disso com ele?

REGINA: Assim, por cima. Ele adorou a idéia! (*decepcionada*) Mas não dá, não dá... É tudo tão caro...

ALZIRA: Você tem saído com ele?

REGINA: Tenho. Quer dizer. Não.

ALZIRA: Tem ou não tem, Regina? Decide. (*pausa*) Vocês estão namorando?

REGINA: (*convicta*) Não! (*hesitante*) Mais ou menos.

ALZIRA: Minha filha, você não tem mais idade pra ficar nessas dúvidas!

REGINA: É que o Gérson, mamãe... Ele é muito ocupado.

ALZIRA: E não tem tempo pra decidir se está namorando ou não.

REGINA: Mais ou menos. (*Alzira suspira*) Ele tem muitos clientes, mamãe!

ALZIRA: Mas tem os fins de semana.

REGINA: A gente quase não se vê no fim de semana!

ALZIRA: Dentista dá plantão, que nem médico? (*experiente*) Regina, esse moço está te enrolando...

REGINA: Não, mãe... Fim de semana tem as crianças...

ALZIRA: Ah, as crianças... Ele é desquitado!

REGINA: É... Mais ou menos.

ALZIRA: Chega de mais ou menos! (*pausa; choque*) Você está saindo com um homem casado?!

REGINA: Ele está se separando da mulher! Só está esperando as crianças ficarem um pouco maiores...

ALZIRA: Que idade têm as crianças?

REGINA: O menino tem 17. A menina 15.

ALZIRA: Você devia ter vergonha na cara!

REGINA: Merda, eu não devia ter aberto a boca! Merda! Merda! Agora a senhora vai ficar me enchendo o saco...

ALZIRA: Não vou, não. Pode ficar sossegada que não vou te encher o saco. Quem sou eu? Se esse dentistazinho está te engabelando com história pra boi dormir, o problema é seu. Que é burra! (*muda o tom*) Uma moça como você... Bonita, formada... Tem profissão, está bem na vida... Não é uma menina! Não é pra ficar se arrastando atrás de homem casado, minha filha!

REGINA: Quem disse que eu estou me arrastando?

ALZIRA: É o que toda amante faz!

REGINA: Amante?!

ALZIRA: Mulher solteira que sai com homem casado é o quê? Assistente social?

REGINA: Ele gosta de mim!

ALZIRA: (*rindo*) Meu Deus!

REGINA: De verdade!

ALZIRA: Deve ser castigo. Praga das biscates do seu pai! Minha própria filha, que vergonha! (*muda o tom*) Regina, que direito você tem de destruir o lar desse homem?

REGINA: Mamãe, deixa de ser cafona!

ALZIRA: Você pensou na mulher dele? No que ela está sentindo, sofrendo...

REGINA: A mulher dele é problema dele. Não é meu. E ela não está sofrendo, porque não sabe de nada.

ALZIRA: A mulher sempre sabe, sempre. Ela deve estar fazendo como eu, fingindo que não sabe. Esperando ele enjoar da biscatinha...

REGINA: Ela vai esperar sentada...

ALZIRA: Há quanto tempo você está saindo com ele?

REGINA: Seis meses.

ALZIRA: Tudo isso? É muito tempo. E ela nunca fez nada...

REGINA: Ela não sabe de nada, mamãe. Ponto.

ALZIRA: Ela é bonita?

REGINA: É... Bonitinha.

Ficam em silêncio por um tempo, pensando.

ALZIRA: Você gosta dele? (*Regina faz "sim" com a cabeça*) Muito?

REGINA: Ah, mamãe, eu sou louca por ele. Tentei evitar, juro! Mas quando percebi... O modo de ele me falar, o tom da voz, as gentilezas... Ele tem um jeito de passar a mão nos cabelos, assim... Tão lindo... Há seis meses que eu não penso em outra coisa a não ser nele, nos poucos momentos em que a gente consegue se encontrar... São tão poucos, mamãe! Eu fico feito boba, olhando pro nada e lembrando do que conversamos, do que comemos, do que bebemos, das risadas... Cada minuto se prolonga na minha cabeça como um fio esticado até... até... o próximo encontro, tão longe... Tão incerto... Passar o fim de semana sozinha, sem poder falar com ele, sem poder nem vê-lo na rua e cumprimentar... Ah, mamãe, é horrível, a senhora nem imagina.

ALZIRA: (*condoída*) Acho que não...

REGINA: A senhora sempre teve o papai do seu lado, o tempo todo...

ALZIRA: Com as roupas sujas de batom, com bilhetinhos das amantes nos bolsos...

REGINA: Mas ele estava do seu lado! Eu, não! Se acontecer alguma coisa com ele, ninguém vai me ligar contando! Ninguém! Porque eu não existo na vida dele! Eu não conto! Eu sou nada! Longe dele eu sou uma bancária solteirona, com cara de mal-comida.

ALZIRA: Que coisa feia de se falar!

REGINA: É assim que me chamam pelas costas lá no trabalho: a mal-comida. A azeda. A encruada. Filhos da puta! Mal-comida, o caralho! Quando eu estou com ele eu sou a mulher mais bem-comida do mundo! Sou amada, sou desejada... Outro dia, a gente namorou, namorou...e ele cochilou um pouco ao meu lado na cama! Era como se não fosse eu que estivesse ali. Eu via nós dois, nus, deitados, abraçados, cansados de... Naquela hora, mãe, eu senti tanta inveja de mim!

ALZIRA: Será que as biscates do seu pai também se sentiam assim?

REGINA: Eu queria ir pra Europa com ele, mamãe. Ficar uns dias lá, passeando, dormindo a noite toda, ouvindo o ronco dele, reclamando do jeito que ele aperta o tubo da pasta de dente, das roupas que ele esquece jogadas pelo chão do quarto... Eu queria ser mulher dele por uns dias, nem que fosse uns poucos dias...Só pra guardar o gosto de rotina na boca...

ALZIRA: Viver uns dias de hotel em hotel não é vida de casado, minha filha. É lua de mel!

REGINA: Mas eu mereço esses poucos dias...

ALZIRA: Minha filha, você merece toda a felicidade do mundo... Uma filha tão esforçada...

REGINA: Uma filha que só se lascou a vida inteira, mamãe. Trabalho há 10 anos naquele banco e não consigo ter dinheiro pra fazer uma bosta de uma viagem com meu namorado! Isso é vida? Desde que nasci, só passei necessidade...

ALZIRA: Espera um pouco, Regina. Eu sou sua mãe, eu sei direitinho o tipo de infância que você teve. E não passou necessidades, coisa nenhuma. Pode não ter sido um berço dourado, mas não foi essa pindaíba, não!

REGINA: Nem sempre o que conta é o material... *(pausa)* O papai me fez sofrer tanto...

ALZIRA: O papai? Regina!

REGINA: A vergonha que eu passava diante das meninas do colégio...Aquele pai sempre bêbado...

ALZIRA: Coitado. *(chorosa)* Aproveita, ele está no leito de morte, vai lá, perdoa ele, diz pra ele que você perdoa... *(muda para um tom mais seco)* E ele não ficava andando bêbado pela rua, não! O papai tinha seus defeitos, está certo, mas morria de vergonha de dar vexame em público...

REGINA: Pra mim bastava ele ficar bêbado aqui dentro. Eu vinha com minhas colegas fazer trabalho de colégio e ele...

ALZIRA: Ele ficava na sala bebendo a cervejinha dele, assistindo futebol pela tevê... Mas não incomodava ninguém, minha filha!

REGINA: Ficava na sala pra ver minhas colegas passando do quarto pro banheiro ou indo buscar lanche que a senhora deixava pra gente na cozinha.

ALZIRA: Que coisa feia você está dizendo do seu pai! Você pensava isso dele?

REGINA: Ele fazia isso, mamãe! Todas as minhas amigas comentavam!

ALZIRA: *(Chocada, a princípio; dá de ombros)* Menina é tudo besta, mesmo. Que é que tem olhar? Não tira pedaço.

REGINA: Ele mexia com elas também. Dizia coisas.

ALZIRA: Regina, francamente! *(irritada)* O papai sempre foi um homem sério, trabalhava, dava duro. Se aposentou, tinha todo o direito de ficar bebendo a cervejinha dele na sala. A casa era dele. *(furiosa)* A filha que ele tratava como uma princesa, uma rainha.... vem falar mal dele na minha cara? Como se ele fosse um velho tarado!

REGINA: Ele era um velho tarado!

ALZIRA: Não admito! Faltar com respeito à memória do papai, eu não admito!

JÚNIOR: (*entra*): Gente, que berreiro, dá pra ouvir tudo lá de baixo...Mamãe, eu já vou levar a roupa do papai...

ALZIRA: A roupa do caixão?

JÚNIOR: Não queria chamar assim...Vou deixar lá perto dele, no quartinho. Quando a gente precisar...está na mão, né? (*apanha a roupa e vai saindo*)

ALZIRA: Júnior, não fica bem... Coitado, ele pode ficar até impressionado...

JÚNIOR: Mas também ele pode dar palpite, né? De repente, ele não quer esse terno, quer um outro... (*sai*)

Alzira e Regina ficam num clima de mal estar. Alzira vai até a penteadeira, retoca o cabelo.

ALZIRA: Isso que você falou do papai é muito sério!

REGINA: Eu sei.

ALZIRA: Muito grave. Muito mesmo.(*pensa um pouco*) Você nunca pensou em fazer terapia, minha filha?

REGINA: Eu fiz, mamãe. Durante anos. Justamente pra acabar com esse problema na minha cabeça.

ALZIRA: Parece que não resolveu muito.

Ouvem-se gritos do lado de fora. Elas ficam assustadas. Júnior entra correndo.

JÚNIOR: Mamãe, vem me ajudar aqui com o papai! Rápido!

ALZIRA: (*mão no peito*) Meu Deus, o que aconteceu? Fala, meu filho!

JÚNIOR: Mãe, vem logo!

ALZIRA: Eu não dou um passo sem ouvir o que aconteceu!

JÚNIOR: O papai caiu da cama!

ALZIRA: Minha Nossa Senhora! (*sai correndo. Regina fica*)

JÚNIOR: (*tenta se explicar com a irmã*) O papai acordou, me viu entrando com o terno. Acho que adivinhou pra que é! Não sei de onde ele tirou força, mas o homem se ergueu da cama, puxou a roupa, queria rasgar...

REGINA: Ele está andando?

JÚNIOR: Levantou, mas caiu! Ficou lá, tentando rasgar o terno, querendo tirar o tubo de soro...

REGINA: Você botou ele de volta na cama?

JÚNIOR: Eu não! Ele está lá, todo cagado, todo sujo... Tá uma nojeira aquele quarto...

Alzira entra, acabada, deprimida. Nas mãos uma trouxa de roupa. Nota-se que é o terno escolhido para o sepultamento.

REGINA: *(em pânico)* Mamãe, ele... ele...

ALZIRA: *(olha para a filha e demora para entender)* Não. Ainda não. *(põe a trouxa de roupa num canto)* Olha! Cheio de merda! Ele sujou o terno todo, de propósito! Vou mandar pra lavanderia *(em pânico)* E se não der tempo de secar?

REGINA: A gente escolhe outro, mamãe.

JÚNIOR: Não sendo um daqueles que eu já peguei pra mim...

Alzira senta-se na cama, fica massageando as pernas, como se elas doessem demais.

ALZIRA: Ele adorava beijar minhas mãos É engraçado como os cheiros vão mudando com o passar do tempo. No namoro, no começo do casamento, eram os perfumes que ele me dava de presente. Franceses! Depois, vêm os filhos, as mãos da gente começam a cheirar a fralda, talquinho, colônia pra bebês.. Eu queria fixar aquele cheiro doce pelo resto da vida! *(suspira)* Agora...fica esse cheiro de merda de doente grudando na pele, não há sabonete no mundo que tire isso...

Toca o celular de Regina. Ela atende.

REGINA: Alô? Oi, Gérson...Não, nada ainda. É, eu não sei...Deixa eu ver. *(fala com a mãe)* Mamãe, a senhora acha que vai precisar de mim aqui hoje?

ALZIRA: Por quê? Hoje o seu amante está com tempo livre?

JÚNIOR: Amante?!

REGINA: *(fuzila a mãe com os olhos, volta a falar no celular)* Não. Acho que não. Eu sei que hoje é dia do curso dela... Se der te ligo. Tchau, um beijo. *(desliga)*. A senhora não pode falar assim comigo!

ALZIRA: Estou na minha casa, falo do jeito que eu quiser! *(Levanta-se, vai em direção à porta)* Quem não gostar que se retire, é um favor! *(saindo)*. Eu vou tomar um lanche, fiquei com fome!

REGINA: (*baixo*) Histérica!

JÚNIOR: Você está saindo com um cara casado?

REGINA: Isso não é da sua conta! Você devia ter cuidado do negócio da casa, nem isso fez direito!

JÚNIOR: Ela vendeu, porra! A culpa é minha?

REGINA: Esse negócio tá muito mal explicado!

JÚNIOR: Você falou com ela sobre isso?

REGINA: Ela não dá espaço! (*olhando em torno*) Ela precisa rachar esse grana com a gente!

JÚNIOR: Também já falei disso. Ela disse que vai pensar. Já é alguma coisa.

REGINA: Não quero que ela fique pensando. Quero que me dê o dinheiro e não encha mais o saco!

JÚNIOR: Ela vai dar a grana pra gente. É só ir com calma.

REGINA: Eu não tenho muito tempo pra ficar calma. Quero decidir essa viagem com o Gérson...

JÚNIOR: O cara casado?

REGINA: É, Júnior, o cara casado, sim, por quê? Nunca saiu com uma mulher casada, não?

JÚNIOR: Eu sou homem!

REGINA: (*Olha o irmão com espanto; fala calmamente*) Sabe que às vezes eu te invejo? Deve ser tão bom viver assim sem precisar usar o cérebro!

JÚNIOR: Homem vai lá, casado ou não, encontra uma mulher disposta a sair com ele. Sempre tem, eu vejo lá no bar. Elas caem matando no cara, não querem nem saber se ele usa aliança ou não! Eles saem com elas, dão uma trepadinha e passam mais tarde no bar pra falar pros amigos: “Comi”. É o que esse cara deve estar fazendo com você.

REGINA: Ele não é dessa laia!

JÚNIOR: De que laia que ele é, então? Do papai noel, do coelhinho da páscoa ou do negrinho do pastoreio?

REGINA: Eu não estou com a menor disposição de ficar discutindo minha vida pessoal com você. Quero saber é da grana da casa. Já que foi vendida, quero a minha parte.

JÚNIOR: Pra torrar com um goiabão na Europa.

REGINA: É grana minha, eu faço o que bem quiser com ela.

JÚNIOR: E eu que só quero saldar minhas dívidas? Regina, você pensa que eu não sei que todo mundo acha que eu sou um fracassado? Um merda? E quer saber do que mais? Eu sou esse merda, eu sou esse fracassado. Porra! Meu destino parece esse terno do papai. Todo bonito, todo passado e, de repente, fica todo cagado! E eu tento, hein? Eu tento. Me esforço, ralo feito uma besta... Não dou sorte! Quando eu menos espero, vem uma paulada na testa, levo o maior tombão, fico pior que antes.

REGINA: Você só não achou o negócio certo, vai ver que é isso.

JÚNIOR: Palavras que consolam! Gotas de sabedoria! Ah!!! Tudo quanto é negócio que eu tentei deu em nada. Locadora de vídeo, loja de roupa, agora é esse bar...

REGINA: Vai ver que o teu destino é ser empregado dos outros.

JÚNIOR: Também tentei. Banco, escritório, casa de show... Sempre dancei. Sabe o que é um cara chegar à minha idade e perceber que nunca na vida ele teve o gostinho de pedir as contas de um lugar? Pois é. Eu não sei o que é pedir demissão. Meu dicionário veio sem esse verbo. Eu sempre fui demitido. Posso dar um curso de pós-graduação em pé na bunda!

REGINA: É capaz disso fazer sucesso!

JÚNIOR: Pé na bunda no mais amplo sentido! Econômico e sentimental. Com mulher, também, eu não sou a marca do sucesso. Faz três meses que eu não vejo uma dona pelada na minha frente! Vê se pode! Namorada também, foi sempre uma sucessão de “cai fora”. Todas! Todas, não, minto. Teve uma com quem eu terminei. Eu! Não sabia nem como falar, não tinha prática. Fui lembrando do que tinha ouvido a vida inteira e repetindo.

REGINA: Pelo menos uma vez deu certo...

JÚNIOR: Na semana seguinte ela começou a namorar outro cara. Em três meses estava casada, podre de rica. O cara era um desses milionários do interior! Ela deve agradecer até hoje o fora que eu dei. *(ouve-se a campainha)* Ih, saco. Será que é visita?

REGINA: Tomara que seja. Assim eu posso sair mais cedo.

ALZIRA: *(abrindo a porta)* Regina, você tem um dinheiro trocado? É pra pagar o moço da lavanderia.

REGINA: *(pegando a bolsa)* Não sei, deixa eu ver.

ALZIRA: Júnior, pega essa trouxa de roupa. Vou aproveitar que o rapaz está aqui e mandar lavar o terno. Vou pedir urgência, amanhã deve ficar pronto. *(Júnior apanha a trouxa, Regina acha o*

dinheiro. Alzira fica com as coisas) Vou lá entregar. Obrigado, meninos. *(sai)*

JÚNIOR: Não era visita.

REGINA: Saco!

JÚNIOR: O jeito é ficar calmo. Dar tempo pra amolecer o coração da dona Alzira. Aí, você vai pra Europa, eu compro minha parte no bar...

REGINA: Quando eu penso que essa casa foi vendida e que o dinheiro está em algum lugar! Pronto pra ser usado! E nós aqui, esperando o papai morrer!

JÚNIOR: *(apanhando o papel e caneta numa gaveta)* Faça que nem eu. Quando o negócio está enroscado, sossega e pensa em outra coisa. Por exemplo: quem a gente avisa no caso da morte do papai?

REGINA: Sei lá. Todo mundo, eu acho.

JÚNIOR: É bom fazer uma lista. Mas em vez de ficar ligando pra duzentas pessoas, a gente pode ligar pra umas vinte, que se encarreguem de espalhar a notícia.

REGINA: É sensato.

JÚNIOR: Eu sempre sou sensato. Pena que também seja azarado. É o meu carma. *(fazendo a lista)* Encabeçando a turma dos “espalhadores de notícia”.

REGINA: A tia Cezira!

JÚNIOR: Essa é imbatível.

REGINA: Essa é do lado do papai. Do lado da mamãe, tem a Tia Quica.

JÚNIOR: Outra língua de cobra!

Alzira entra no quarto com um vestido preto rendado. Vai até o armário, mas mostra a roupa à filha.

ALZIRA: Trouxeram da lavanderia, Regina, olha.

REGINA: Um pretinho?

ALZIRA: Esses dias eu andava tão preocupada. E se o papai morresse, eu sem nenhuma roupa escura? Aí lembrei desse vestido. Fucei no armário, encontrei, experimentei. Ficou direitinho, como uma luva. Já mandei lavar, está aqui, prontinho pra ser usado. *(coloca-o no armário)* Que ótimo!

REGINA: O problema é que é um vestido de festa...

ALZIRA: *(Tirando o vestido do armário e olhando)* Por causa da renda? Ah, bobagem. É preto! *(olha de novo o vestido, decide-se e coloca no armário)* Que é que esse povo quer também? Que eu vá vestida de estopa? *(tira mais uma vez a roupa do armário)* Seu pai que me deu de presente! *(fica com ar compungido)* Nunca usei! Sempre detestei roupa escura! *(recoloca o vestido no armário)*.

JÚNIOR: Vai avisar alguém do seu trabalho, Rê?

REGINA: Liga pra secretária. Denise. Antes de você desligar, o prédio inteiro já vai estar sabendo.

ALZIRA: Que vocês estão fazendo?

JÚNIOR: Uma lista de pessoas pra avisar quando o papai...

ALZIRA: Que coisa mórbida! Vocês não tem sentimento, não têm pena do papai? *(arranca o caderno da mão de Júnior)* Deixa eu ver isso! *(olha a lista)* Põe o Adalberto, também. Era um amigão do papai no escritório.

JÚNIOR: Eu não tenho o telefone dele.

ALZIRA: Eu tenho, está na minha agenda. *(lendo)* Quem é Rogério?

JÚNIOR: É o Rogério, ué!

ALZIRA: Eu sei que o Rogério é o Rogério, Júnior!

JÚNIOR: Então...

ALZIRA: Quem é ele? Algum sócio seu?

JÚNIOR: Não... É o Rogério, ué. Porra, mãe, a senhora sabe quem é.

ALZIRA: Se soubesse não estava perguntando.

REGINA: A senhora não lembra do Rogério?

ALZIRA: Vocês estão querendo me deixar mais louca? Não basta o papai desse jeito, agora resolveram me tirar do sério...

REGINA: Rogério é o filho da Sílvia, mamãe.

ALZIRA: Que Sílvia? A gente não tem parente chamada Sílvia. Ou tem?

REGINA: A Sílvia, mamãe, que estudou comigo, que está naquela foto do colégio que a gente viu hoje...

ALZIRA: Ah, a que se casou grávida...

JÚNIOR: Casou? Quando?

ALZIRA: Ela largou o colégio pra se casar, não foi isso? Ficou grávida, não queria dizer quem era o pai, mas a família levou ela pra longe... Eu não sabia que vocês se viam.

REGINA: De vez em quando.

JÚNIOR: A gente vê mais o Rogério, mesmo.

ALZIRA: É o menino que nasceu naquela época? Deve estar com que idade agora?

JÚNIOR: Vinte anos.

ALZIRA: Nossa, um homem! E a Sílvia, meu Deus, tão nova... Eu só não entendo porque vocês precisam avisar ele sobre o papai.

REGINA: Porque ficava até chato não avisar.

ALZIRA: Avisa a família, os amigos mais chegados e pronto. Pra que chamar uma multidão?

JÚNIOR: O Rogério ia ficar chateado se não soubesse do papai...

ALZIRA: Imagina se um garoto vai ligar pra morte de um velho...

REGINA: (*irritada*) Mamãe, pára com esse joguinho besta! Que coisa infantil! Ficar fingindo negar uma coisa que todo mundo aqui sabe...

ALZIRA: Olha o tom da voz, Regina. Não estou surda, ouço muito bem, não precisa ficar gritando...

JÚNIOR: Porra, mãe, de um jeito ou de outro o Rogério é nosso irmão. Meio irmão, mas é.

ALZIRA: Irmão?

JÚNIOR: É! Filho da Sílvia e do papai! Eu sempre soube disso, a Regina também, a senhora...

ALZIRA: Que batatada é essa? A Sílvia era uma menina, tem a idade da sua irmã...

REGINA: O papai vivia dando em cima das minhas colegas de escola, eu mesmo contei isso pra senhora.

ALZIRA: Era o jeito dele falar. Era um galanteador, sempre foi. Mas não era para levar a sério.

JÚNIOR: A Sílvia levou.

REGINA: Ela se apaixonou por ele, todo mundo no colégio sabia. Eu queria me matar de tanta vergonha! De repente, ficou grávida. Não contou quem era o pai, mas também não precisava. Saiu da escola, mudou de bairro, deixou de me infernizar a vida.

ALZIRA: Ela inventou essa história, isso sim! Louca! Putinha mentirosa! Deve ter se esfregado em tudo quanto era homem daquele colégio e depois inventou esse negócio de caso com o papai... Imagina! Todo mundo sabia que ele era mulherengo, que adorava um rabo-de-saia. *(pausa)* A moça tinha a idade da filha dele, nunca ele se atreveria... Era um pecado!

REGINA : A senhora vivia dizendo que sabia de todos os casos do papai...

ALZIRA: Dizendo, não senhora. Eu sabia, sim. Todos, um por um.

JÚNIOR: Mas essa história da Sílvia...

ALZIRA: Isso é mentira! Não aconteceu! O papai com um filho de outra mulher...

JÚNIOR: Isso era público, todo mundo comentava... O papai saiu várias vezes com o Rogério quando ele era menor...

ALZIRA: Seu pai saía com esse menino? Pra quê?

JÚNIOR: Levava no teatro, no cinema, comprava roupa, sei lá...

ALZIRA: Mas ele nunca fez isso com vocês!

REGINA: Era o filho caçula! *(maldosa)* O preferido.

ALZIRA: Eu é que sempre saí pra comprar roupa, pra comprar comida, pra matricular na escola. Ia no cinema, quando sobrava um dinheirinho. Vocês lembram disso, não lembram? Seu pai nunca moveu uma palha prá se divertir com os filhos...

JÚNIOR: Fez tudo com o Rogério. Mas eu nem ligo. Ele é um cara bacana, o Rogério.

ALZIRA: Pára de falar assim desse... desse estranho!

REGINA: Não é um estranho, mamãe!

JÚNIOR: É meu irmão.

ALZIRA: Não é!

JÚNIOR: Por parte de pai, mas é.

ALZIRA: O papai sempre teve dois filhos. Você e Regina! Dois filhos que ele adorava, que ele queria ver bem vestidos, bem alimentados, cursando boas escolas...

REGINA: A senhora acabou de falar que ele nunca se divertia com a gente.

ALZIRA: Por falta de tempo! O papai trabalhava demais! Sempre trabalhou muito! Foi o preço pra vocês terem a vida mansa que tiveram!

REGINA: Vida de órfão, a senhora quer dizer. Porque a gente não teve pai! Tinha um homem que dava dinheiro em casa e mais nada. Não fazia um gesto de carinho, não se importava com os filhos... Só vinha pra dar ordens ou fazer a gente passar vergonha, com as bebedeiras dele!

ALZIRA: Não fala assim! Júnior, não deixa ela falar assim do papai!

JÚNIOR: Com o Rogério, pelo menos, ele foi mais próximo, mãe. Isso é verdade.

ALZIRA: Não existe Rogério nenhum!

REGINA: Tanto existe, mamãe, que é capaz de ele sentir mais a morte do papai do que nós dois. Ele, sim, conheceu o pai.

ALZIRA: Um bastardo!

Ouve-se a campainha da rua.

REGINA: Visita a essa hora?

JÚNIOR: *(indo até a janela)* Deve ser vendedor. *(olha)* Ih, cacete, é o Rogério...

ALZIRA: Aqui? Ele teve coragem de vir até aqui? *(indo até a janela)*

REGINA: Mamãe, calma. Fica calma, mamãe.

ALZIRA: Me larga! *(olha pela janela, leva um susto)* Meu Deus! Aquele é o Rogério?

JÚNIOR: É... *(acena para fora, faz sinal de “aguarda um pouco”)*

ALZIRA: *(chocada, senta-se na poltrona)* Meu Deus! Meu Deus! *(põe as mãos no rosto, e quase chora)*

REGINA: *(preocupada)* Mamãe, calma... Quer um copo d'água?

ALZIRA: Ele é a cara do papai quando ele era moço. Quando a gente namorava. A cara,

escritinho.

JÚNIOR: Eu sempre achei os dois meio parecidos mesmo...

ALZIRA: *(arrasada)* Eu vivi mais de quarenta anos com o papai e nunca dei a ele um filho que fosse tão parecido... Vocês dois puxaram mais a minha família...

Ouve-se um gemido vindo do quarto

JÚNIOR: Puta que o pariu, o papai acordou de novo!

ALZIRA: *(apanhando um fraldão)* Deve estar cagado. Vai lá fora, Júnior, e bota esse menino pra correr.

JÚNIOR: Mamãe, que é isso...

ALZIRA: Estou avisando. *(vai saindo)*

REGINA: E se o último desejo do papai fosse ver o filho caçula?

ALZIRA: *(pára, pensa)* O papai ia se sentir olhando um espelho antigo... *(dá o fraldão para Júnior)* Vai lá, vê se ele quer entrar e ver o pai. Se quiser, entra. Mas vai te ajudar a limpar bunda daquele velho!

REGINA: Mamãe!

ALZIRA: Mamãe morreu! Mamãe mudou! Eu é que não limpo mais merda de moribundo! Chega!

JÚNIOR: A senhora não vai lá no quartinho ver o papai?

ALZIRA: Pra quê? Eu não quero ver aquele moleque! Ele pode vir, mas fique longe de mim!

JÚNIOR: Mamãe, a senhora está nervosa...

ALZIRA: E você discutindo demais. Vai, chama o bastardinho e tratem de limpar o doente. Vai logo!

Júnior sai. Regina fica parada à janela, tensa, observando os movimentos da mãe. Alzira caminha pelo quarto, furiosa. De repente, de cima do armário retira uma mala e começa a colocar suas roupas nela.

REGINA: Que é que a senhora está fazendo?

ALZIRA: Cansei! Cansei de ser besta. Cansei de cuidar desse escroto a vida inteira! De lavar camisa com mancha de batom, cueca com cheiro de vagabunda! Cansei de ficar com medo de

apanhar quando ele bebia demais...

REGINA: A vida inteira foi assim e a senhora nunca reclamou.

ALZIRA: Pois estou começando agora! (*grita para fora, como que para o moribundo*) Eu não vou mais me sujar de merda! Pede pras tuas biscates virem te limpar! Levanta dessa cama e vai atrás das vagabundas! Bota perfume pra disfarçar o cheiro de bosta e vai procurar quem te cuide!

REGINA: Pára com esse berreiro!

ALZIRA: Está certo. Paro. Parei. Pronto. (*Termina de arrumar a mala, fecha*) Só vou me mexer de novo no aeroporto.

REGINA: Que é isso? A senhora vai pra onde?

ALZIRA: Não é da sua conta. Vai lá cuidar do seu pai ou vigiar o consultório do teu amante! Me esquece!

REGINA: A senhora não vai embora assim!

ALZIRA: Vou assim, vou assado, mas vou.

REGINA: E o papai?

ALZIRA: Está lá no quarto, morrendo. Vai lá ver.

REGINA: (*cruza o quarto e barra a saída da mãe*) A senhora não vai sair com o meu dinheiro!

ALZIRA: Seu dinheiro? Que dinheiro?

REGINA: O que a senhora ganhou vendendo essa casa.

ALZIRA: A casa é minha! Era. Agora é do japonês.

REGINA: Dá a minha parte do dinheiro.

ALZIRA: Faz o seguinte. Espera eu morrer. Antes, eu vou gastar o máximo que puder. Aí, sim, se sobrar algum, você e o seu irmão dividem em cima do meu caixão.

REGINA: (*tentando segurar a mãe*) Pára de se fazer de ofendida! A senhora vendeu essa casa antes mesmo do papai ter morrido!

ALZIRA: Eu vendi a minha vida inteira pro seu pai, pra você, pro seu irmão. Vendi barato. Fiz saldão de mim mesma, queima de estoque de tudo o que eu queria. Vender a casa foi o mínimo!

REGINA: (*quase comovida*) Eu acho bárbaro que a senhora tenha finalmente se rebelado.. Acho

mesmo. Mas não é por isso que vou deixar a senhora me dar um golpe... *(pedindo)* Dá minha parte do dinheiro. *(com um tom de falsa cumplicidade feminina)* Pelo menos, a minha parte.

ALZIRA: *(fala baixo)* Você sabia de tudo, Regina!

REGINA: Tudo o quê, mamãe?

ALZIRA: Da Sílvia, desse bastardinho... Você sabia e nunca me contou.

REGINA: A senhora vivia dizendo que a mulher sempre sabe...

ALZIRA: *(deixando-se cair sentada na cama)* Quando será que foi isso? Em que época? Eu sempre fiquei em casa, sempre cuidei de tudo aqui...

REGINA: Teve um período, quando eu estava no colégio, que a senhora passou uma temporada fora, cuidando da vovó...

ALZIRA: Era a mãe dele! A bruxa caiu da cama, agonizou, que nem o filho, igualzinho... Não! Ele não fez isso comigo. *(sente a mão apoiada na cama; olha, assustada)* Será que foi aqui?

REGINA: Não tinha motel naquele tempo.

ALZIRA: Filho da puta! *(levanta-se, começa a retirar os lençóis da cama, com expressão de nojo)* Na minha cama! *(quando tira tudo, começa a chorar)*

REGINA: Ah, mamãe! *(abraça a mãe)* Isso dói um tempo, mas depois passa. *(Pausa curta)* Quando essa história veio à tona na minha terapia, nossa! Eu chorei tanto, mas tanto...

ALZIRA: *(chocada)* Você contou isso pro terapeuta?

REGINA: Era meu analista, mamãe.

ALZIRA: Você teve coragem de contar isso pra um sujeito que nunca me viu e pra mim mesma...

REGINA: A senhora é terapeuta, por acaso?

ALZIRA: Não, eu sou é uma burra mesmo! *(pega a mala e vai saindo. Júnior entra e vê a mãe)*

JÚNIOR: Onde a senhora está indo?

ALZIRA: Pra Barcelona, encontrar o Gérson.

JÚNIOR: E o papai?

ALZIRA: Isso é problema de vocês. E do bastardinho! Chama o Roberto pra ajudar a limpar a

bunda daquele nojento!

JÚNIOR: É Rogério, não é Roberto.

ALZIRA: É tudo a mesma merda. *(sai, batendo a porta)*

Júnior e Regina ficam sem saber o que fazer. Júnior vai até a janela, observa um tempo.

JÚNIOR: Ué... Ela não saiu.

REGINA: *(estranha e vai até a janela)* Não?

Abre-se a porta do quarto. Alzira volta com a mala.

ALZIRA: *(calma)* Eu pensei melhor.

REGINA: *(aliviada)* Ô, mamãe, que bom.

JÚNIOR: *(pegando a mala da mão dela, levando-a até a cadeira)* Senta um pouco, a senhora está estressada.

ALZIRA: *(sentando-se)* Eu ia largar tudo, sair pelo mundo feito uma cigana... Não tem sentido isso, uma velha com eu ...

REGINA: A senhora não é velha...

ALZIRA: Eu decidi desfazer o negócio da casa. Vou ligar pro japonês e dizer que devolvo o dinheiro, fica o dito pelo não dito.

JÚNIOR: Não vai mais vender a casa?

REGINA: E a gente, que estava contando com esse dinheiro...?

ALZIRA: Eu tenho umas economias. É um bom dinheiro, que eu fui guardando, apertando daqui, economizando ali...Acho que dá pro Júnior saldar parte da dívida e já dá pra você pagar sua passagem pra Europa.

JÚNIOR: A senhora vai ficar sem nada...

ALZIRA: Fico com a casa. Eu vivi mais de quarenta anos aqui. Essa casa sou eu, eu sou ela, sei lá. Não é justo que, por causa de uma safadeza do passado do papai, eu tenha de largar minha vida assim...

JÚNIOR: Mas depois que o papai morrer, a senhora não vai conseguir ficar sozinha nessa casa...

ALZIRA: A gente aprende a ocupar qualquer espaço. *(abre uma pasta de documentos, analisa um extrato bancário, apanha um talão de cheques e preenche)* Isso dá pra você? *(mostra-lhe o cheque)*

JÚNIOR: *(maravilhado)* Porra, mamãe...

ALZIRA: *(preenchendo outro cheque)* Que bom. Que bom! Deve servir pra você também, Regina?

REGINA: *(vendo o cheque)* Mamãe...A senhora é o máximo.

ALZIRA: *(pegando os cheques de volta)* Bom, eles estão prontos. Amanhã eu vou ao banco, saco da minha poupança e vocês podem depositar depois... *(vai até o telefone, disca)* Mas antes eu vou pedir um favorzinho pra vocês. *(atendem)* Alô, Cezira? Oi, é a Alzira. Não, não, fica sossegada, está tudo como estava antes. É que eu queria saber se você vai sair agora à tarde. Não? Ah, que bom. É que os meninos vão fazer visita pra você.

JÚNIOR: Nós?!

REGINA: Eu não vou!

ALZIRA: É , eles vão. Os dois, não. os três. É, Cezira, tem a Regina, o Júnior e o Rogério. *(ouve)* O filho da menina, esse mesmo. *(ouve)* É... Agora à tarde. Isso, prepara um bolinho, eles vão amar. Tchau, Cezira. *(desliga)* Até essa vaca sabia do bastardinho...

REGINA: Mamãe, olha, não fica zangada, mas eu não quero ir...

ALZIRA: Na Cezira? Vai sim. O Júnior e o bastardinho vão precisar do seu carro.

REGINA: Pra quê?

ALZIRA: Pra levar o papai.

JÚNIOR: Vai tirar o papai do quartinho?

ALZIRA: Vai tirar ele da casa toda. Vai levar tudo! O colchão, as roupas, os tubos, os vidros de soro!!! *(apanha os fraldões, dá para a filha)* Os fraldões também. Eu não quero que sobre nada do seu pai aqui.

REGINA: Como nada?

ALZIRA: Nada. Nem vocês.

JÚNIOR: Mamãe, pára de brincadeira...

ALZIRA: Júnior, você não percebe quando eu estou falando sério?

REGINA: Mas levar o papai pra casa da tia Cezira...

ALZIRA: Leva pra sua.

REGINA: Ah, não, na minha nem cabe...

ALZIRA: Então. Aqui eu não quero que ele fique mais. A casa é minha, entra quem eu quero, fica quem eu deixo. *(pausa)* Acho bom vocês comecem a se mexer. Hoje à noite eu quero dormir como há muito tempo eu não durmo.

REGINA: Mamãe, a senhora está exaltada...

ALZIRA: *(gritando)* Eu não estou nervosa, Regina! Eu estou dando ordens e quero ser obedecida! *(apanha novamente a pasta, retira os cheques, exhibe-os)* Olha aqui, não é dinheiro que vocês querem? Que vocês precisam? Pois está aqui. Na minha mão. É só obedecer e o cheque é de vocês.

JÚNIOR: A senhora está comprando a gente?!

ALZIRA: Não... Estou comprando meu sossego, minha liberdade. Como a Regina vive dizendo, eu sou uma mulher antiga. Eu sou mãe. Eu não ia ficar tranqüila só botando vocês daqui pra fora. Júnior, um fracassado. Regina, uma frustrada. Então, é melhor resolver isso também. Ajudo vocês a se livrarem desses problemas e conquisto o direito ao sossego.

JÚNIOR: Poxa, isso é bacana...

ALZIRA: Eu não quero ver vocês tão cedo. Quero que vocês peguem seu pai, levem pra casa de Cezira, sumam daqui. Desapareçam!

REGINA: *(pausa)* E os cheques?

ALZIRA: Podem vir buscar depois de amanhã. Toque a campainha, eu desço e entrego. Não quero que vocês entrem aqui. Quero paz, quero silêncio, quero ficar comigo mesma, mais ninguém.

JÚNIOR: E se a gente não topar acordo?

ALZIRA: Vocês? Duvido. Em todo caso... *(pega um dos cheques, começa a rasgar)* é só avisar...

JÚNIOR: *(desesperado)* Não! Não rasga!

ALZIRA: Tratem de fazer a mudança...

JÚNIOR: É pra já...Vamos, Rê, vamos...*(puxa a irmã, que hesita, mas sai do quarto)*

Alzira guarda o cheque. Tem uma expressão ausente. Olha-se no espelho, passa a mão no rosto.

ALZIRA: Tem uns momentos que é como se a gente estivesse parindo a si mesma... (respira fundo; vai até o telefone, disca) O doutor Akira, por favor. É Alzira. (aguarda) Doutor Akira? Sim, sou eu. Não, doutor, não. É que... infelizmente, eu vou ter de desfazer o nosso negócio. Razões pessoais. (Continua falando, voz baixa, enquanto a luz vai se apagando)

FIM